

# Pai e filha aprendem como se escreve

MAURÍCIO ÉRNICA<sup>1</sup>

**A** Joana está descobrindo a escrita. Eu e minha mulher não forçamos a barra para antecipar a alfabetização. A escola foi colocando a questão aos poucos. Começou com o reconhecimento do nome e, neste ano, as crianças foram convidadas a escrever o próprio nome em algumas ocasiões de rotina. Pronto, a pequena deu para querer escrever e desenhar o tempo todo.

Primeiro, começou a associar as letras a nomes de amigos e de familiares. Achei divertido quando ela falou o “eme” de papai. Agora já sabe que “eme” é de Maurício e também de Mariana, de Melina... Depois, descobriu que um nome é um conjunto regular de letras. Ela ainda não havia se dado conta de que esse conjunto, além de regular, tem uma ordem estável.

Por um tempo, ela escrevia JONAA, JAAON e toda sorte de combinações possíveis. Cláudia, a mãe, ficou um pouco preocupada quando ela estabilizou a forma JONAA! Eu disse: “Calma, ela descobriu algo superlegal – a estabilidade do conjunto de letras que forma o nome dela”. E Cláudia respondeu: “Tinha de estabilizar assim?” “Ela vai descobrir o jeito certo, calma”, tranquilizei minha mulher.

Hoje, nossa filha já alterou a ordem e escreve JOANA. É bem verdade que o J vive invertido e o N... bem, que letrinha ingrata! Ora a barra se inclina da direita para esquerda, ora da esquerda para a direita. Mas já é JOANA, ou quase.

A pequena ainda não descobriu que a gente lê e escreve sempre da esquerda para a direita. Isso gera consequências curiosas. Primeiro, quando ela soletra algumas palavras, diz as letras que conhece quase aleatoriamente – o que nos cria um jogo de advinha nada óbvio. Depois, quando ela escreve e acaba o espaço à sua direita, continua para a esquerda a partir da letra com que começou a escrita, criando construções mais ou menos assim: ACINJOANATESSARIER.

Um dia desses, ela viu um papel qualquer todo desenhado por algum adulto com personagens e cenas da história dos três porquinhos. Num dado local do papel, estava escrito PORQUINHO. Ela pegou o papel, uma caneta e se colocou a copiar cuidadosamente: P-O-R-Q-U-I-N-H-O. Ao terminar, deixou o papel sobre a mesa, tomou uma pequena distância e admirou sua obra toda orgulhosa. Tomada de entusiasmo, encheu o peito de ar, virou-se para nós e disse: olha, escrevi lobo!

Hoje, Joana já sabe que o conjunto de letras forma uma palavra, mas ainda não tem clareza da maneira como isso se dá.

Tem sido divertido acompanhá-la, passo a passo, no domínio das sutilezas nada óbvias da língua escrita.

<sup>1</sup> Sociólogo, pesquisador do Centro de Estudos e Pesquisa em Educação, Cultura e Ação Comunitária (CENPEC) e da Fundação Tide Setubal e pai de Joana, de 3 anos e 10 meses.